

---

---

# RESENHA CRÍTICA DO LIVRO

## *PERFECTION & PERFECTIONISM*

NATANAEL B. P. MORAES, DOUTOR EM TEOLOGIA PASTORAL

Professor de teologia aplicada no Salt, Unasp, Campus Engenheiro Coelho

---

**RESUMO:** Este artigo apresenta uma resenha crítica do livro *Perfection & Perfectionism*, 4ª ed. (Berrien Springs, MI: Andrews University Press, 1984), de autoria de Hans K. LaRondelle. Primeiramente, o artigo considera o contexto do perfeccionismo em diversos momentos históricos, inclusive o atual da igreja adventista. Depois, analisa criticamente a obra do autor. Maior atenção é dedicada ao estudo exegético do livro em função da clareza do texto e da elucidação provida sobre o tema.

**ABSTRACT:** This article presents a critical review of *Perfection & Perfectionism*, 4th edition (Berrien Springs, MI: Andrews University Press, 1984), by Hans K. LaRondelle. First, the article considers the context of perfectionism in various historical aspects, including the current reality which faces the Seventh-day Adventist Church. After that, the text deals with an overview about the author's writing. A special attention is dedicated to the exegetic study of the book in the light of clarity and elucidation given on such topic.

### INTRODUÇÃO

Hans K. LaRondelle escreveu sua tese doutoral sobre o tópico do per-

feccionismo. É um trabalho exaustivo que responde a diversas questões cruciais sobre o “ensino teológico de que a perfeição moral não é apenas um ideal a ser atingido pelo cristão, mas é alcançável nesta vida”.<sup>1</sup> Contudo, julgou-se oportuno, antes da análise propriamente dita, apresentar-se uma breve exposição dos antecedentes históricos do perfeccionismo. Isto se justifica principalmente pelo debate atual, existente em alguns meios adventistas. É relevante que se estude as raízes do perfeccionismo para que se compreenda a problemática e não se repita os enganos do passado.

O trabalho de LaRondelle fornece ao leitor, além de uma abordagem histórica, dentro e fora dos círculos cristãos, uma visão abrangente do tema da perfeição ao longo das Escrituras Sagradas. As principais passagens onde aparece o conceito de perfeição são analisadas com profundidade e erudição teológica. É, de fato, um excelente trabalho sobre o tema a que se propõe elucidar.

### CONTEXTO HISTÓRICO DO PERFECCIONISMO

A problemática não é recente. Um dos sistemas perfeccionistas mais antigos foi desenvolvido pelo judaísmo.

A igreja católica elaborou o seu próprio conjunto de crenças e práticas. Os protestantes tiveram os seus proponentes e praticantes. Por sua vez, a igreja adventista também enfrentou e continua a se debater com dificuldades suscitadas pelos pressupostos do perfeccionismo.

A doutrina judaica da salvação ensina que os homens estabelecem sua própria justiça através de obras meritórias.<sup>2</sup> A “dificuldade” surgida por ocasião do julgamento, quando o prato da balança dos méritos ficar em equilíbrio com o das transgressões, é solucionada pelo perdão de Deus ou pela retirada de más obras pelo próprio Deus.<sup>3</sup> Este é o único momento em que Deus toma parte do processo salvífico, pois nas demais fases, o que define a salvação ou a perdição são as obras humanas.

A história da igreja cristã, ao longo dos séculos, registra diversos momentos de ênfase perfeccionista. Um dos primeiros foi o pelagianismo. Seu originador, Pelágio, nascido na Inglaterra, posteriormente fixou residência em Roma lá pelo ano de 405 d.C. Quando Roma foi saqueada pelos Godos em 410, ele fugiu para a África, vindo a morrer no Egito, no ano 424 d.C.<sup>4</sup>

Para o pelagianismo, não havia pecado original e nenhuma culpa hereditária. Afirmava que Adão, por sua desobediência, estabeleceu um mau exemplo que exerce uma má influência sobre sua posteridade. Admitia uma crescente corrupção da humanidade, embora a atribuísse apenas aos maus hábitos. Também ensinava que os seres humanos não nascem com natureza pecaminosa. Simplesmente nascem sem virtude e sem vício, mas

com a capacidade de desenvolvê-los. Deste modo, a universalidade do pecado deve ser atribuída ao poder do mau exemplo e dos maus costumes.<sup>5</sup>

Quanto à condição moral, o pelagianismo defendia que os seres humanos eram semelhantes a Adão antes da queda, assim, cada criança que nasce tem as mesmas habilidades do primeiro homem criado por Deus.<sup>6</sup>

Poderia parecer que a suficiência da razão natural e da vontade humana no sistema pelagiano tornasse supérflua a graça de Deus, mas isto Pelágio não admitia. Na verdade, para ele havia dois tipos de graça, uma natural e outra sobrenatural. É esta graça sobrenatural que confere o benefício do perdão dos pecados passados, noutras palavras, da justificação, compreendida por Pelágio conforme o modo protestante no qual o pecador é *declarado* justo, e não como Agostinho e no catolicismo, em que o homem é *tornado* justo.<sup>7</sup> Portanto, a graça é útil como um auxílio externo para o desenvolvimento dos poderes naturais, mas não é absolutamente necessária. Deste modo, o pelagianismo é uma heresia antropológica que nega a necessidade humana de redenção.<sup>8</sup>

O semipelagianismo é outro tipo de sistema perfeccionista. Consiste numa tentativa de reconciliação entre as idéias de Pelágio e Agostinho. O termo foi introduzido durante o período da escolástica, contudo os pontos essenciais surgiram na França, ainda no quinto século. A principal idéia é que a graça divina e a vontade humana realizam juntamente a obra da conversão e da santificação e

que normalmente o ser humano pode dar o primeiro passo. O semipelagianismo rejeita a doutrina pelagiana defensora da incorruptibilidade moral do ser humano ao nascer e também rejeita a doutrina agostiniana da completa corrupção e escravidão do homem natural. Também repudiava o conceito pelagiano de graça como um mero auxílio externo; renegava, igualmente, a doutrina agostiniana da soberania, irresistibilidade e limitação da graça. Afirmava a necessidade da operação interna da graça através do agente humano, uma expiação geral através de Cristo e a predestinação para a salvação, condicionada pela presciência da fé. O semipelagianismo se encaixava bem na piedade ascética e legalista da idade média. Na verdade, permaneceu no interior da igreja católica sem nunca haver produzido uma seita independente.<sup>9</sup>

No século XVII surgiu outro movimento perfeccionista, o arminianismo. Seu proponente foi Jacó Arminio, um reformador holandês que enfatizava o livre arbítrio em oposição ao credo calvinista da eleição incondicional e da graça irresistível. A posição arminiana foi estabelecida formalmente em 1610.<sup>10</sup> Os arminianos argumentam que a liberdade humana não é incompatível com a soberania divina e que Jesus Cristo morreu por todos, não apenas pelos eleitos.<sup>11</sup>

A seguir, alguns dos princípios defendidos pelos arminianos: 1) os seres humanos são agentes livres e os eventos humanos são intermediados pela presciência divina; 2) os decretos de Deus são condicionais, não absolu-

tos; 3) Deus criou Adão inocente; 4) o pecado consiste em atos da vontade; 5) apenas a poluição, não o pecado de Adão, foi imputado aos seus descendentes; 6) a depravação do homem não é total, e sua vontade se inclina para Deus e para o bem; 7) a expiação não era necessária, mas uma vez que foi oferecida está disponível a todos; 8) a expiação não efetua a salvação dos seres humanos, apenas torna-a possível; 9) a salvação só é efetiva quando aceita voluntariamente pelo pecador penitente; 10) a regeneração é determinada pela vontade humana, não por um decreto; 11) em si mesma a fé é uma boa obra; 12) não existe distinção entre graça comum e graça especial; 13) a graça pode ser resistida; 14) a justiça de Cristo nunca é imputada; 15) o crente pode atingir plena conformidade com a vontade divina nesta vida, mas também pode cair da graça e se perder eternamente.<sup>12</sup>

O perfeccionismo católico pode ser percebido através desta seqüência: “Por sua vontade, ela [a pessoa humana] é capaz de ir ao encontro de seu verdadeiro bem. Encontra sua perfeição na ‘busca e no amor da verdade e do bem’”.<sup>13</sup> Já a “perfeição moral consiste em que o homem não seja movido ao bem exclusivamente por sua vontade, mas também por seu apetite sensível”.<sup>14</sup> A graça, no catolicismo “é necessária para suscitar e manter nossa colaboração na justificação pela fé e na santificação pela caridade”.<sup>15</sup> A colaboração humana também está presente na noção dos méritos humanos, “O mérito do homem diante de Deus, na vida cristã,

provém do fato de que Deus *livremente determinou associar o homem à obra de sua graça*. A ação paternal de Deus vem em primeiro lugar por seu impulso, e o livre agir do homem, em segundo lugar, colaborando com ele, de sorte que os méritos das boas obras devem ser atribuídos à graça de Deus, primeiramente, e só em segundo lugar ao fiel”.<sup>16</sup>

A Igreja Adventista do Sétimo Dia não está livre do perfeccionismo. É o que indica a pesquisa realizada na classe de eventos finais entre alunos da *Southern Adventist University* que apresentou o seguinte dado, “37% acreditavam que poderiam entrar no céu através do sacrifício de Cristo e por suas boas obras”.<sup>17</sup> A pesquisa foi realizada em meados da década de 1990.<sup>18</sup>

Entre os anos de 1950 e 1970 houve uma discussão teológica, cujo pivô central foi Robert D. Brinsmead. Versava sobre o tema do santuário e um tipo de perfeccionismo nos últimos dias da história terrestre. Brinsmead nasceu na Austrália em 1934. Seus pais haviam pertencido ao movimento de reforma o que contribuiu para forjar nele certo ceticismo em relação à liderança da igreja.<sup>19</sup> Ele estudou no Avondale College, mas não chegou a se graduar, tampouco serviu a organização adventista.<sup>20</sup>

Brinsmead tomou o santuário levítico como uma lição sobre soteriologia. Para ele, o pátio representava a justificação, o primeiro compartimento do santuário simbolizava a santificação e o santíssimo antecipava a perfeição. Ele ligou o conceito ad-

ventista de juízo a se realizar no santuário celestial depois de 1844 com o ministério de Cristo no segundo compartimento do santuário. Ele dizia que os justos vivos receberiam a perfeição no juízo pré-advento.<sup>21</sup>

Em seu livro *God's Eternal Purpose*, Brinsmead declarou: “Através do ministério de Cristo no santo dos santos, a humanidade deve se unir plenamente (casar-se) com a divindade. Daí o significado do juízo final... É verdade que o cristão se casa com Cristo na conversão, mas a união não é completamente realizada até o juízo. Quando a sua fé alcançar o último e supremo ato de expiação, ele estará plenamente unido (“casado”) com a divindade pela eternidade. Então ele estará sem pecado na carne como Cristo não tinha pecado na carne”.<sup>22</sup>

Ao falar dos santos de todas as épocas, Brinsmead diz que eles não foram completamente purificados pelo sangue de Cristo. Ele defende que “precisam uma obra de purificação adicional a ser realizada por eles – uma expiação final para purificá-los de todos os relatos de pecado no templo da alma”.<sup>23</sup>

Os escritos de Brinsmead se espalharam da Austrália para outros países, conseguindo muitos adeptos. Dentre eles, houve um casal que posteriormente renunciou aos seus ensinamentos. John A. Slade, o esposo, escreveu um documento onde explica os resultados práticos do perfeccionismo de Brinsmead na vida deles: “Nós nos esforçamos para fazer isto – para entrar e esperar. Contudo, para a nossa consternação, e também para a consternação de muitas outras pessoas

sinceras que tentaram honestamente fazer o mesmo, nós descobrimos que é impossível, espiritualmente, permanecer nesta condição dia após dia, semana após semana e mês após mês. O resultado prático para uma pessoa que honestamente seguiu a teoria de Brinsmead concernente ao juízo final é o de viver numa condição suspensa de entusiasmo espiritual ao mesmo tempo em que negligencia os deveres diários do tempo presente. Para dizer a verdade, a experiência nos mostrou que a doutrina não suportou a prova de autenticidade – o teste da prova no dia a dia. Como não era uma doutrina correta, não poderia produzir uma experiência correta”.<sup>24</sup>

Como amostra de que a controvérsia perfeccionista estava em franco andamento, apresentamos o registro da revista *Ministry* em maio de 1969. Era um artigo de Robert Spangler, editor da revista.<sup>25</sup> Em outubro do mesmo ano, a revista menciona Robert Brinsmead como proponente do ensino perfeccionista.<sup>26</sup> A controvérsia continuou na década de 1970 e 1980, o que é comprovado por vários artigos sobre o tema da perfeição cristã e os enganos do perfeccionismo.<sup>27</sup> É interessante lembrar que os primeiros oponentes dos ensinamentos perfeccionistas de Brinsmead foram Desmond Ford, Hans K. LaRondelle<sup>28</sup> e Edward Heppenstall.<sup>29</sup> Por sua vez, Heppenstall demonstrou claramente que as idéias de um estado de impecabilidade atingido pelo povo de Deus no tempo do fim, antes da vinda de Cristo, não tem apoio bíblico nem do Espírito de Profecia.<sup>30</sup>

Naturalmente o propósito do presente trabalho é o de comentar o conteúdo do livro de LaRondelle. Contudo, para a igreja adventista atual, que tem visto surgir novos movimentos perfeccionistas, julgou-se necessário apresentar o contexto histórico que motivou a elaboração da tese doutoral de LaRondelle sobre perfeccionismo. É evidente que seu trabalho esclarecedor se constituiu numa resposta abalizada aos ensinamentos de Brinsmead.

### RESENHA CRÍTICA

A tese de LaRondelle responde às perguntas mais relevantes sobre o perfeccionismo. Ele começa abordando a problemática atual da perfeição cristã e do perfeccionismo, sem deixar de expor os conceitos não-cristãos do mesmo.<sup>31</sup> No primeiro capítulo, LaRondelle discorre sobre a noção de perfeccionismo na Mesopotâmia, no Egito e no mundo greco-romano. No segundo capítulo, o autor elabora a idéia da perfeição divina no Antigo Testamento (AT).

### A IDÉIA DISTINTIVA DE PERFEIÇÃO DIVINA NO ANTIGO TESTAMENTO

LaRondelle justifica o estudo do perfeccionismo a partir do AT com base numa perspectiva histórica, não lógica. Outro aspecto por ele apresentado para iniciar pelo AT, é de que o próprio Novo Testamento (NT) enfatiza a sua harmonia e a sua unidade com o AT.<sup>32</sup>

A problemática do perfeccionismo, como a da teologia do NT, deve ser resolvida pelo estudo das promessas do concerto do AT e o cumprimento destas em Jesus Cristo. Assim, se-

gundo o autor, o estudo da perfeição bíblica deve ser feito a partir das seguintes categorias básicas do kerigma bíblico: criação-pecado-redenção-término, e o fim, *telos*, isto é, a perfeição escatológica (p. 36-37).

A perfeição divina (*tamim, shalem*) nunca é vista como perfeição em si mesma. Ela é descrita em termos de relacionamento com o ser humano e, particularmente, com Israel, o povo com quem Deus fez um concerto (Israel, o povo pactual). Deste modo, a idéia de uma ética auto-existente ou de uma norma é apenas um conceito grego que se apresenta como uma antítese do testemunho bíblico de perfeição do AT, por sua vez, uma auto-revelação dinâmica e histórica de Deus para Israel e seus patriarcas (p. 38-39).

Tome-se a revelação de Deus aos patriarcas. Eles o conheciam como o Todo-Poderoso (Gn 17:1), Criador e Juiz de toda a terra (Gn 18:25). Para Moisés e Israel, Deus Se revelou como Aquele que cumpre fielmente as promessas feitas aos patriarcas (Êx 3:6-8), ou seja, o nome de Deus é pleno de significado: “Eu sou fiel às minhas promessas”, “Eu sou digno de confiança”, “Eu não irei falhar convosco”, “Eu estarei convosco”, “Eu irei cumprir as promessas do meu concerto” (p. 41-42). O nome de Yahweh não revela a sua misteriosa essência, mas o seu dinamismo como o Deus presente que comprova serem verdadeiras as suas promessas. Ele cumpre o seu juramento através da eleição, livramento e concerto com Israel (p. 42).

A compreensão de perfeição divina para LaRondelle, se encontra na vontade salvadora e santificante de Deus, no permanecer em companheirismo e comunhão com o seu povo pactual e, através deles, com o mundo. E desde que amor é uma decisão para comunhão e inter-relacionamento, a perfeição de Deus pode ser denominada de “o seu constante amor que redime”, “o seu amor perfeito ou amor inamovível” (*chesed* [na versão Almeida Revista e Atualizada, *chesed* é traduzida por “misericórdia”, Gn 19:9; “favor”, Gn 20:13; “bondade”, Gn 21:23; “benignidade”, Gn 24:27; “benevolência”, Gn 24:49; “beneficência”, Êx 15:13]), que novamente é normatizado pelo seu concerto. Portanto, o *chesed* de Yahweh é frequentemente acompanhado pelos adjetivos explanatórios *'emet* ou *'emunah*, “fidelidade”. Podemos dizer que o termo “perfeição”, quando se refere a Deus, não é, primariamente, uma palavra ética, mas uma palavra que tem a noção de conhecimento religioso. O conhecimento ético de Deus está enraizado na experiência religioso-soteriológica (2Sa 22:31 dá como explanação de “o caminho de Deus é perfeito”: “ele é escudo para todos os que nele se refugiam”). Isto faz com que a ordem ético-religiosa seja de máxima importância. Primariamente, a perfeição de Deus significa a qualidade da salvação definida pela natureza e pela vontade de Deus expressos no concerto. Contudo, o concerto com Israel é um concerto de graça. Portanto, é no concerto que a perfeição de Deus é revelada primeiramente.

te como uma obra de graça que salva. A perfeição de Deus é a sua vontade perfeita, plena, completa, indivisível, fiel, dedicada ao homem, para salvá-lo, para revivificá-lo, para mantê-lo salvo no caminho da santificação, em companheirismo e parceria com o amável Criador, mesmo quando o homem é infiel e se afasta dAquele que é perfeitamente amável (cf. Os 11:1-7; Ez 16), (p. 43-44).

A palavra *tamim*, geralmente traduzida por “perfeito”, não serve para descrever a essência de Deus, mas a sua obra, o seu caminho, as promessas do seu concerto. Portanto, *tamim* aponta para uma noção de funcionalidade da relação de Deus com Israel, mais especificamente, o ato pelo qual Deus livrou Israel da escravidão do Egito como um completo cumprimento das promessas do concerto; que o seu modo de conduzir e proteger Israel é o fiel cumprimento de sua palavra; que a sua Torah ou instrução a Israel é plenamente eficaz. *Tamim* funciona somente num sentido, para indicar a plenitude, a inteireza, a estabilidade e confiabilidade da vontade de Deus, o seu amor e a sua obra para redimir o seu povo pactual de um modo perfeito. Pode-se dizer que esta perfeição divina é perfeita em seu escopo de pretender a perfeição do homem e do mundo (p. 45).

Visto que a perfeição divina é percebida na sua completa dedicação ao homem, este é redimido a fim de viver inteiramente para Deus e completamente para o seu semelhante (Dt 6:4ss; Lv 19:18). Contudo, a perfeição divina não é definida apenas em

função do seu amor. Há outra palavra relacionada com a sua perfeição e esta é “santidade”. Por sua vez, o Israel redimido é convocado a “temer a Deus”, o que se constitui numa experiência dinâmica com o Deus santo e amável. Esta experiência com Deus é definida em termos de “andando em todos os seus caminhos, e a ele vos achegardes” (Dt 11:22), noutras palavras, imitando a Deus na ética social, em justiça e em misericórdia, “Santos sereis, porque eu, o SENHOR, vosso Deus, sou santo” (Lv 19:2). Assim, a santidade, esta qualidade divina (*qodesh*) denota uma categoria completamente *sui generis*, não pertencente ao meio do pensamento filosófico-abstrato, pois supera as noções próprias da competência da ética. A santidade pertence ao ambiente da experiência religiosa do coração, à confrontação com a realidade da personalidade de Deus, pela qual uma nova luz procedente de cima ilumina o coração, a consciência e os valores morais. É somente nesta experiência com a santidade de Deus que o homem pode avaliar a si próprio perante o Deus santo e perceber a hediondez do seu pecado. É através desta percepção da santidade de Deus que o pecado é qualificado não apenas como uma transgressão do código moral, mas como uma rebelião contra a Pessoa de Deus (Jr 14:20; Sl 51:4), como desobediência ao Doador da lei, como abandono do concerto com Deus (Jr 2:13; Is 1:3; Os 4:7), como prevaricação contra o Deus santo (Dt 32:51), (p. 45-47).

Há outras palavras diretamente ligadas à noção de perfeição divina:

“justiça” (*mishpat*), “justo” (*tsaddiq*) e “reto” (*yashar*). É bom lembrar que os atos de Deus em favor de Israel, retirando-os do Egito e conduzindo-os para a terra da promessa são denominados de “atos de justiça do SENHOR” (Mq 6:5). Logo, os atos de justiça de Deus podem ser qualificados como a sua fidelidade ao concerto com Israel. O resultado prático disto é que em tempos de dificuldade, Israel pode invocar a justiça de Deus como um meio de salvação e libertação. Desta maneira, Deus é justo quando Ele concede misericórdia. Ele não é parcialmente justo e parcialmente misericordioso, mas plenamente justo e misericordioso, ou seja, perfeito, em ambos os sentidos (p. 48).

A perfeição divina, *tamim*, deve ser analisada em conexão com os termos “santo” (*qodesh*), “justo” (*tsaddiq*) e “misericórdia” (*chesed*). É a esta perfeição que o ser humano é convocado a seguir, não no sentido de esforço por alcançar um ideal inatingível, mas no sentido de imitação de Deus, a ser concretizada somente em comunhão com o seu Criador, no andar com Ele, o Deus Todo-Poderoso do concerto. É deste modo que as Escrituras descrevem a perfeição de Noé (Gn 6:9), Abraão (17:1), Jó (Jó 1:1) e Israel (Sl 84:11; 119:1; Pv 11:20), (p. 48-49).

#### A NOÇÃO DE PERFEIÇÃO HUMANA NO ANTIGO TESTAMENTO

O terceiro capítulo de *Perfection & Perfectionism* está dividido em duas partes, a primeira discute a perfeição humana e a segunda parte discorre so-

bre a perfeição humana no culto e na ética de Israel, ambos no AT.

Na primeira parte, LaRondelle discorre sobre o fato de Gênesis 1-2:1 contar a história da criação. Ela se justifica em função de que Israel conhecia a Deus como o Senhor da história, ao mesmo tempo em que Ele transcende tanto a natureza quanto a história (p. 53). Por sua vez, a redenção de Deus pressupõe a sua criação, assim como o evangelho pressupõe a lei. Contudo, o ponto de partida para a verdadeira adoração e para a obediência a Deus é a experiência da redenção. Por isso, há um duplo aspecto no culto de Israel a Deus que se torna explícito na dupla motivação de Israel para a guarda do sábado: o Decálogo introduz a Yahweh como o Redentor de Israel, enquanto o mandamento do sábado está baseado na criação do mundo por Deus. Então, isto descreve a obediência a Deus, e a guarda do sábado, em particular, não como uma religião de lei e legalismo, mas como uma religião de graça (p. 53-54).

Na protologia<sup>33</sup> de Israel, o relacionamento do homem com Deus é apresentado como o caminhar ou companheirismo de vida e vontade moral com Deus, tal como o de um filho com o seu pai (Gn 5:22, 24), (p. 65). Outro aspecto relevante da protologia de Israel é o conceito de imagem de Deus. Segundo LaRondelle, esta noção tinha o propósito de manter Israel livre dos conceitos mitológicos sobre Deus e o homem, tão comuns nas nações vizinhas. Nele havia uma nova perspectiva da transcendência teológica de Deus,

sem perder a sua comunhão com os homens (p. 66).

Pela perspectiva de LaRondelle, a qualificação teológica do ser humano como imagem de Deus está implícita no *kerigma* religioso-moral pelo qual o homem é convocado a refletir e honrar pelo seu caráter e pela sua vida, em sua autoridade e domínio sobre a terra, conforme a perfeição do caráter do seu Criador. Assim como o Criador, que coroou o ser humano com glória e honra e o exalta como aquele que atua totalmente perfeito, assim o homem é chamado a seguir e imitar a Deus, a reunir toda a criação para proclamar a glória de Deus, para louvar a beleza e a majestade da perfeição do caráter de Deus (Sl 19; 113; 148), (p. 68).

A existência de um mandamento que proíbe ao homem o comer da árvore do conhecimento do bem e do mal (Gn 2:16-17) aponta para a decisão autônoma de Deus de modo que o propósito educativo do teste pode ser descrito como o despertamento da consciência moral do homem, como uma motivação a seguir ao seu Criador pela fé. Nesse sentido, o desenvolvimento da perfeição humana não se encontra no caminho da desobediência e do afastamento de Deus, noutras palavras, pelo comer da “árvore do conhecimento do bem e do mal”, mas na senda da obediência consciente pela fé e pela confiança no Criador e Pai (p. 90-91).

Na protologia de Israel em Gênesis, o pecado não é visto como impulso impessoal e pecaminoso da natureza humana, mas como desobediência, emancipação e autonomia, como o

voltar as costas para Deus, como o deixar de andar com Deus, como uma negação da verdadeira humanidade, visto que o homem, criado à imagem de Deus, deve obediência e confiança implícita ao seu Criador (p. 93).

A resposta do Criador à queda do homem é vista em Gênesis 3:21, e pode ser melhor compreendida à luz de sua conexão teológica com o concerto divino com Israel, fundamentado em graça e esperança messiânica. O ato divino pelo qual Ele providencia “vestimentas de pele para Adão e sua mulher”, para que se vistam e cubram a sua pecaminosidade, aponta para a cobertura divina do pecado e da culpa humana (p. 97-98).

A chave para desvendar o significado da protologia de Israel em Gênesis 1-11 se encontra em Gênesis 12:3, com o chamado e a eleição de Abraão por Yahweh para ser uma bênção a “todas as famílias da terra” que se encontram sob maldição (Gn 3:17; 4:11; 9:25), (p. 95-96).

#### **PERFEIÇÃO HUMANA NO CULTO E NA ÉTICA DE ISRAEL**

Segundo LaRondelle, o culto em Israel é determinado pela história da salvação, ou seja, o livramento especial do Egito, a história do Êxodo e o concerto no Sinai, o que constituiu a Israel como o povo peculiar e santo de Yahweh. Esta salvação perfeita do poder escravizante do Egito, bem como a posterior constituição de Israel como uma nação no Monte Sinai, foi introduzida, acompanhada e comemorada por sacrifícios cúlticos, especialmente pelo ritual do cordeiro pascal. A inter-

pretação religiosa e o testemunho da lei, dos profetas e dos Salmos é o de que a salvação do Êxodo criou o relacionamento cúltico-religioso único com Yahweh, o Deus de Abraão, Isaque e Jacó. Por esses eventos, nasceu a vida religiosa de Israel com sua vida centralizada no santuário (p. 99).

Toda a ética de santidade, toda a obediência e toda a justiça social eram condicionadas por e fundamentadas no ato preveniente<sup>34</sup> e salvador de Yahweh para Israel, em fidelidade à sua promessa. Portanto, a ética de Israel era motivada pela resposta de um amor agradecido, por confiança e fidelidade (p. 100).

A qualificação dinâmica da perfeição de Israel é entendida como uma obediência amorável a Deus (Dt 11:22. Cf. 6:12, 20-23). Deve-se ressaltar que essa resposta de perfeito amor a Yahweh não é uma mera réplica psicológica de Israel ao livramento divino, mas um dom religioso, na verdade uma criação de Yahweh no coração do seu povo, “O SENHOR, teu Deus, circuncidará o teu coração e o coração de tua descendência, para amares o SENHOR, teu Deus, de todo o coração e de toda a tua alma, para que vivas” (Dt 30:6. Cf. 30:14; Jr 32:39ss.), (p. 100).

A discussão de LaRondelle sobre Deuteronômio 18:13 é bem elucidativa: “Perfeito [*tamim*] serás para com o SENHOR, teu Deus”. A declaração se encontra num contexto cúltico, em contraste com as práticas abomináveis das nações circunvizinhas. Contudo, a perfeição de Israel, isto é, sua resposta de perfeito amor e obediência é

ênfaticamente não como um pré-requisito para a sua eleição, mas como consequência dos poderosos atos de justiça de Yahweh, pelos quais Ele libertou Israel, não apenas do poder da escravidão, mas, também, para caminhar, para compartilhar a vida com Deus, a nova ética de obediência, a vida santificada (Lv 26:12-13), (p. 100).

A perfeição que Deus requer de Israel é descrita em Deuteronômio 11:22, “Porque, se diligentemente guardardes todos estes mandamentos que vos ordeno para os guardardes, amando o SENHOR, vosso Deus, andando [*halak*] em todos os seus caminhos, e a ele vos achegardes”. Aqui se observa uma continuidade básica com o chamado de Abraão da Caldéia, “Eu sou o Deus Todo-Poderoso; anda [*halak*] na minha presença e sê perfeito [*tamim*]” (Gn 17:1); e, também, com a vida aceitável de Noé perante Yahweh, “Noé era homem justo e íntegro [*tamim*] entre os seus contemporâneos; Noé andava [*halak*] com Deus” (Gn 6:9). Dessas descrições de perfeição humana, percebe-se que aqui perfeição não tem a conotação de um ideal divino a ser alcançado, mas é como o caminhar [*halak*] obediente, de todo o coração, ou companheirismo com Deus. Vale destacar que *tamim* aparece continuamente associada com *halak*, como uma chave hermenêutica para a compreensão da realidade bíblica da perfeição (p. 101).

O imperativo da imitação de Deus, “santificai-vos e sede santos, pois eu sou o SENHOR, vosso Deus” (Lv 20:7) está enraizado no tema histórico-salvífico e motivado

pelo concerto de amor que deve ser vivenciado de todo o coração, com confiança e obediência a Yahweh. Assim, a perfeição de Israel deve ser vista na imitação de Deus, isto é, no seguir a Deus através com uma ética cúltico-religiosa (p. 104-105).

#### **PORVENTURA O ANTIGO TESTAMENTO DEFINE PERFEIÇÃO COMO IMPECABILIDADE?**

Os Salmos reproduzem e conservam a Torah no culto de Israel, em sua liturgia, suas canções, em suma, em sua vida religiosa e na sua ética (p. 110). É comum nos Salmos e na literatura sapiencial a divisão de todos os homens em duas classes: os justos (*tsaddiqim*) e ímpios (*reshaim*). Justos são aqueles que amam e temem Yahweh e que fazem o que é reto aos seus semelhantes, vivendo em amável obediência a toda a lei (Sl 1:2; 15:4; 18:1ss; 119:14-16, 35), (p. 111). Os ímpios se caracterizam, não por sua imoralidade, mas por sua irreligiosidade; eles dizem no seu coração: “Não há Deus” (Sl 14:1), isto é, eles não reconhecem a Deus (p. 112).

Outra característica básica nos Salmos e na literatura sapiencial é a experiência do temor de Deus, ou seja, o conhecimento espiritual de Deus através da Torah e a experiência cúltica do concerto com a graça expiatória de Yahweh (Sl 25:14; 102:15; 111; 119:38; 130:4; Jó 28:28; Pv 1:7; 3:7; 9:10; Ec 5:7; 12:13). Tudo isso caracteriza o justo, não como virtuoso ou eticamente perfeito, mas como um ser religioso que, motivado pelo amor redentivo de Yahweh, por um amor de

todo o coração, confia e obedece a Yahweh de acordo com os mandamentos cúlticos e sócio-éticos do concerto divino. Isto significa que a ética da justiça social de Israel é condicionada e qualificada pela redenção cúltica e pela bênção (Dt 25:13-16; Lv 19:36; Pv 11:1; Jó 31:6), (p. 112).

Na vida de Israel há uma união indissolúvel entre o culto e a ética. O que caracteriza a justiça do justo é a sua atitude em cultuar, não sua moralidade como tal, ou sua perfeição ética, ou sua impecabilidade, visto que o culto determina a qualidade de sua ética, decidindo seu destino, sua vida e sua morte (Sl 15; 24; 5:4-7), (p. 113).

Os Salmos e a literatura sapiencial associam perfeição com justiça de um modo tão íntimo que justiça e perfeição ou inculpabilidade são usados como sinônimos (Gn 6:9; Jó 12:4; Sl 7:9; 15:2; 18:22-23; 37:17-18; Pv 11:5). Isto indica que os termos perfeição, inculpabilidade, integridade e justiça são todos termos éticos definidos pelo concerto cúltico-religioso de Israel com Yahweh (p. 113).

#### **PERFEIÇÃO NO CULTO E NA ÉTICA: IMPECABILIDADE?**

Nem a Torah, nem os Salmos se baseiam num dogmatismo *a priori* pelo qual o israelita sincero pode viver em obediência à lei de Yahweh sem expiação, sem a necessidade de perdão, isto é, sem pecado (Gn 8:21; Lv 4ss; Sl 14:1-3; 40:7ss; 143:2; 130:3ss; cf. Jó 14:4; 1Rs 8:46), (p. 113). Ao contrário, os Salmos revelam a necessidade do contínuo perdão de Yahweh e da contínua necessidade

de graça redentiva (Sl 25:10; 103:8, 17ss; 89:1ss, 14), (p.113-114).

Nesta seção de sua tese, LaRondelle faz referência aos denominados Salmos anti-cúlticos (Sl 40:6ss; 50:14; 51:16-19). Não que nestes Salmos os sacrifícios fossem rejeitados, mas que mesmo o sacrifício de um animal perfeito não era aceitável a Deus. Somente quando os sacrifícios fossem acompanhados pela atitude de um coração dedicado e consagrado, ou seja, por arrependimento, confissão, reparação, abandono dos pecados e louvor a Yahweh é que poderiam ser aceitáveis (cf. 1Sa 3:14; 15:24ss; 7:5ss; Lv 5:5; 16:21; Nm 5:7; Jr 3:24; 2:35; Jó 42:8). Em outras palavras, apenas aqueles sacrifícios que fossem apresentados pelo participante no espírito do Salmo 4:5; 19:12ss; 50:5; 66 e, principalmente, o Salmo 51:17, “Sacrifícios agradáveis a Deus são o espírito quebrantado; coração compungido e contrito, não o desprezarás, ó Deus” (p. 131-132).

Perfeição, portanto, não é uma realização individualística de um ideal humano ou uma virtude, mas o caminhar cúltico-religioso com o Deus do concerto, manifestado no caminhar sócio-ético com os semelhantes, numa obediência moral de todo o coração ao concerto de Yahweh (p. 137).

Quase no fim do seu terceiro capítulo, LaRondelle discorre sobre a combinação de dois motivos: a falsa acusação e a perfeição. Para tanto, ele comenta o quadro gráfico apresentado em Zacarias 3. Nesse capítulo, Satanás acusa o sumo sacerdote Josué, que se encontra diante do anjo do SENHOR (3:1). A perfeição de Israel

perante Deus é retratada não como uma perfeição ética inerente, mas pela justiça imputada e pela pureza, de acordo com o culto pactual. Por ordem de Yahweh, as vestes sujas, ou seja, as iniquidades de Israel são removidas de Josué e trocadas por trajes finos e um turbante limpo. Outro fato relevante é a comissão e a promessa feita a Josué: “Se andares nos meus caminhos e observares os meus preceitos, também tu julgarás a minha casa e guardarás os meus átrios, e te darei livre acesso entre estes que aqui se encontram” (Zc 3:7), (p. 154).

Com uma clareza indiscutível o profeta revela a dupla mensagem de que Yahweh é fiel ao Seu concerto através do perdão concedido e pela perfeição imputada ao seu povo pactual, mas, ao mesmo tempo, que a justificação não significa quietismo. Ética e culto ainda continuam num relacionamento dinâmico e indissolúvel, no qual a ética do viver obediente, ou santificação, está fundamentada e enraizada no dinamismo cúltico da justificação divina. Mas, sobretudo, que os pecados de fraqueza que são trazidos em arrependimento perante Yahweh (as vestes sujas) nunca podem ser a causa de condenação ou rejeição de Israel por Yahweh, mesmo quando o acusador é Satanás (p. 154).

### CRISTO E PERFEIÇÃO

A palavra *teleios*, normalmente traduzida por “perfeito” no Novo Testamento, aparece três vezes no evangelho de Mateus (5:48 e 19:21). No caso do imperativo de Cristo em Mateus 5:48, “sede vós perfeitos como

perfeito é o vosso Pai celeste”, este se constitui no clímax de uma série de declarações (vv. 43-47), por sua vez em contraste com a piedade legalística dos escribas e fariseus (p. 159).

O contexto de Mateus 5:48 indica que o Sermão da Montanha não foi proferido para os gentios ou para os judeus que se consideravam justos, mas para os filhos piedosos do Pai celestial (Mt 6:9ss; 7:7-11; Lc 11:13). Esses não se orgulham de sua condição, mas “têm fome e sede de justiça”, buscam primeiro o reino de Deus e sua justiça, amam e servem a Deus de todo o coração (Mt 5:6; 6:33; 6:24). Jesus os descreve como os mansos que herdarão a terra (Mt 5:5). Com essa descrição, Jesus os identifica com os mansos ou justos (*tsadiqim*) ou inculpáveis (*temimim*, “perfeitos”!) do Salmo 37:30, 31, 37). E quando Ele os denomina de “limpos de coração” (Mt 5:8), Ele os identifica com os adoradores de Deus no santuário que são “limpo[s] de mãos e puro[s] de coração” (Sl 24:4) e que caminham perfeitamente (*tamim*, Sl 15:2) de acordo com as orientações do concerto para o culto (p. 162).

A íntima relação entre o Sermão da Montanha e o estilo de vida do AT, caracterizada pelo culto no santuário, impede que se tome o imperativo da perfeição de Cristo em Mateus 5:48 como perfeccionismo teológico. Ou seja, o imperativo da perfeição de Cristo também pressupõe o indicativo redentivo, isto é, o perfeito perdão dos pecados. Tal como nos Salmos, o requisito religioso-moral de perfeição como imitação de Deus é condiciona-

do e motivado pela salvação histórica, alcançada pela libertação divina do Êxodo; assim, também, o chamado de Cristo à perfeição é condicionado e motivado pelos Seus próprios atos redentores de cura, expulsão de demônios e perdão dos pecados (Mt 4:23ss; 8:16ss, 28ss; 9:5). É com base em Sua autoridade e redenção messiânica que Jesus identifica o chamado à perfeição com o chamado a segui-lo em novidade de vida, com uma obediência de todo o coração (Mt 4:19-22; 9:9; Mc 2:14), (p. 162-163).

A passagem paralela de Lucas não emprega o termo *teleios*, mas *oiktirmon*, “misericordioso” (Lc 6:36), “Pois ele é benigno até para com os ingratos e maus” (Lc 6:35). O paralelo lucano concorda com a interpretação mateana de que a perfeição de Deus é uma manifestação ativa de amor perdoador para todos os povos, o ingrato, ou injusto, em particular (Mt 6:12; 18:21-22; At 14:27), (p. 173).

Para Mateus, a palavra *teleios* é de vital importância, pois indica que a verdadeira justiça e o amor não interrompem, mas cumprem a Torah, isto é, cumpre a perfeita justiça sempre pretendida pela lei. Desse modo, o conceito mateano de *teleios* não está voltado para o sentido de impecabilidade ética, mas para uma consagração cültico-religiosa ao amoroso Deus de Israel e ao escopo universal de sua misericórdia. Tal perfeição pode ser caracterizada dinamicamente como amor santo ou misericordioso (Lc 15:20-24; Rm 11:30-33), (p. 173-174). Assim, *teleios*, em Mateus 5:48, aponta para o amor individual para

com os inimigos, enraizado no amor do Pai; enquanto *teleios*, em Mateus 19:21, significa o amor perfeito ou indiviso a Cristo, como manifestação do amor supremo a Deus (p. 182).

#### A QUALIFICAÇÃO CÚLTICA DA ÉTICA APOSTÓLICA DE PERFEIÇÃO E SANTIDADE

Nos escritos paulinos, os termos *teleios* e *hagios* aparecem, geralmente, no motivo soteriológico centralizado em Cristo e no motivo do culto (Rm 12:2; 1Co 2:6; 13:10; 14:20; Ef 4:13; Fp 3:12, 15; Cl 1:28; 3:14; 4:12). O relacionamento ético-cúltico é mais explicitamente expresso em 2 Coríntios 6:16-7:1, onde a igreja é descrita pelo termo “templo” (*naos*) em relação com a sua ética de santidade. Ao apelar para Levítico 26:11ss e Ezequiel 37:27, onde a presença cúltica de Yahweh está enraizada na redenção histórica do Deus pactual, Paulo aplica esta realidade da salvação cúltica do velho concerto à habitação do Espírito de Cristo na igreja cristã do novo concerto, “nós somos santuário do Deus vivente” (1Co 6:16b; cf. 2Co 3:18; 13:5; 1Co 3:16-17; Gl 2:20; Ef 3:16-18; 5:18; 2:19-22), (p. 183).

LaRondelle destaca que 2Co 7:1, “Tendo, pois, ó amados, tais promessas, purifiquemo-nos de toda impureza, tanto da carne como do espírito, aperfeiçoando a nossa santidade no temor de Deus”, manifesta uma continuidade com o dinamismo ético-cúltico do AT, particularmente Levítico 19:2 e Salmos 15 e 24. A santidade é apresentada, novamente, como um

dom – um estado de santidade – e a comissão aos crentes em Cristo, os santos, a se purificarem de toda impureza do corpo e do espírito. Mas, semelhantemente ao culto do velho concerto, a ética de santidade permanece condicionada e motivada pela redenção cúltico-cristológica (p. 184-185).

De modo breve, sem ser superficial, LaRondelle discute o tema da perfeição em outros livros e passagens do NT. Por outro lado, o estudo sobre a milícia cristã em Romanos 7, mais abrangente, merece destaque.

#### A MILÍCIA CRISTÃ EM ROMANOS 7

O conteúdo de Rm 7:14-25 tem sido interpretado de duas maneiras abrangentes, ou se aplicando à pessoa não convertida, moralmente cônica, que deseja e luta para ser boa até chegar ao desespero consigo mesma, ou ao cristão que, através do poder efetivo da lei, ainda percebe uma discordância interior entre o seu coração convertido e sua carne, isto é, suas paixões corrompidas (p. 211-212).

Quando Romanos 7:14-25 é aplicado ao crente cristão, todo tipo de perfeccionismo que defende uma transformação para uma santidade inerente ou a possibilidade de viver uma vida sem pecado antes da segunda vinda de Cristo é considerado como um sonho; por outro lado, isto não significa que todos os intérpretes que preferem a primeira interpretação – a de que Rm 7:14ss esboça a luta do homem natural – defendem algum tipo de perfeccionismo (p. 212).

Nas páginas seguintes, LaRondelle procura demonstrar que Romanos

7:14-25 se aplica ao crente em sua luta espiritual contra a natureza carnal que é aguçada pela lei de Deus. O autor se detém a analisar o contexto de Romanos 7, ou seja, os capítulos 6 e 8, além de outras passagens de Paulo em outras epístolas.

A certa altura de sua discussão, LaRondelle argumenta que Romanos 8:23 parece resumir, num único verso, a dinâmica de Romanos 7:14-25, ou seja a luta espiritual do cristão: “E não somente ela, mas também nós, que temos as primícias do Espírito, igualmente gememos em nosso íntimo, aguardando a adoção de filhos, a redenção do nosso corpo”. Aqui, Paulo aborda a autoconsciência cristã, onde o crente simultaneamente se rejubila no Espírito e geme internamente por causa do corpo. Sobretudo porque a santificação bíblica não significa o sentimento de santidade e justiça, ao contrário, é exatamente o oposto! Quanto mais uma pessoa se aproxima de Deus e anda com Ele, mais profundamente as santas reivindicações da lei são escritas no coração e na consciência; mais o crente é impressionado com sua própria pecaminosidade inerente e indignidade, conduzindo-o a um arrependimento que está sempre se aprofundando, em humildade e louvor dAquele que é Único (Cf. Ap 15:4) e de sua santa lei (Rm 7:13-14, 16, 22), (p. 223).

Ao final de sua discussão sobre Romanos 7, LaRondelle cita dois autores proeminentes, John Wesley e Martinho Lutero, para corroborar sua tese de que neste capítulo Paulo se refere à milícia cristã. Por questão de espaço, ele resume a exposição de

Lutero em poucas linhas. Por uma questão de clareza e melhor compreensão, optou-se por citar diretamente de Lutero, em virtude da lucidez do seu argumento:

Esta é a passagem [Rm 7:25] mais clara de todas, e dela aprendemos que a mesma pessoa (crente) serve, ao mesmo tempo, a Lei de Deus e a Lei do pecado. *Ao mesmo tempo ele está justificado, mas ainda é um pecador (simul iustus est et peccat)*; porque ele não diz: “Minha mente serve a Lei de Deus”; tampouco ele diz: “Minha carne serve a lei de Deus”; mas ele diz: “de mim mesmo”. Isto é, todo o homem, a mesma pessoa, em sua dupla servidão. Por esta razão ele agradece a Deus por servir a lei de Deus, ao mesmo tempo em que pede misericórdia por servir a lei do pecado. Mas ninguém pode falar de uma pessoa carnal (não convertida) que serve a Lei de Deus. O apóstolo quer dizer: observe, é exatamente isto o que eu disse antes: os santos (*crentes*) são, ao mesmo tempo, pecadores e justos. Eles são justos porque eles crêem em Cristo, cuja justiça lhes cobre e é-lhes imputada. Mas eles são pecadores, visto que eles não cumprem a Lei, e ainda possuem concupiscência pecaminosa. Eles são como pessoas enfermas que estão sendo tratadas pelo médico. Estão de fato enfermos, mas esperam e estão começando a obter, ou estão sendo curados. Eles estão perto de recuperar a saúde. Tais pacientes sofreriam um grande prejuízo se arrogantemente dissessem que estão bem, pois poderiam sofrer uma recaída, que seria pior (*do que a sua primeira doença*).<sup>35</sup>

**CONSIDERAÇÕES SOBRE O  
TEMA DA PERFEIÇÃO EM OUTROS  
LIVROS NEO-TESTAMENTÁRIOS**

Na parte final do quarto capítulo, LaRondelle se detém a esclarecer alguns textos do NT que versam sobre perfeição cristã. Em sua análise do tema no livro de Hebreus, ele cita e comenta com propriedade alguns versos do capítulo 10 (p. 194-195). Contudo, o autor poderia ter mencionado os versos 14-16, que dizem, “Porque, com uma única oferta, aperfeiçoou [grego *teteleioken*] para sempre quantos estão sendo santificados. E disto nos dá testemunho também o Espírito Santo; porquanto, após ter dito: Esta é a aliança que farei com eles, depois daqueles dias, diz o Senhor: Porei no seu coração as minhas leis e sobre a sua mente as inscreverei”. Observe-se que a referência à perfeição/santificação está presente. Em suas considerações sobre a motivação para a obediência no AT, LaRondelle destacara que a qualificação dinâmica da perfeição para o povo israelita era compreendida como uma obediência amorável a Deus (Dt 11:22. Cf. 6:12, 20-23), ao mesmo tempo em que ele lembra que a resposta de perfeito amor a Yahweh é um dom religioso, na verdade uma criação de Yahweh no coração do seu povo (Dt 30:6. Cf. 30:14; Jr 32:39ss.), (p. 100). Ele se esqueceu de mostrar que na nova aliança de Cristo com a igreja, o método é idêntico, uma vez que a obediência também é motivada por uma resposta de obediência amorável, pois é Deus quem coloca a sua lei no coração do crente. E Ele o faz em cumprimento das promessas an-

teriormente feitas através do profeta Jeremias (Jr 31:33). Ou seja, como no AT, a obediência do cristão no NT não é legalística, ou meritória, mas despertada pelo próprio Deus que afixa sua lei no coração humano regenerado.

O quinto capítulo se debruça sobre uma análise e uma avaliação da comunidade de Qunram, além de outros momentos históricos onde ocorreram ênfases perfeccionistas. O autor preferiu colocar este capítulo no final de sua tese. Quem sabe, apenas por uma questão de contextualização da problemática, o autor poderia ter alocado o mesmo no princípio de sua tese, até porque ele abordou vários conceitos perfeccionistas no primeiro capítulo. Contudo, esta ordem, preferida pelo autor, não diminui em nada a relevância do seu excelente trabalho, especialmente o exegetico.

**CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A primeira parte do presente artigo, oferece um breve estudo das principais manifestações perfeccionistas ao longo da história da igreja cristã, sem a pretensão de ser exaustivo, até porque este não é o principal objetivo do trabalho. Optou-se por esta iniciativa, a fim de melhor situar o leitor no contexto em que foi escrita a tese doutoral de LaRondelle. Na ocasião em que foi publicada, “fervilhava” o movimento perfeccionista, liderado por Robert Brinsmead. Juntamente com Desmond Ford e Edward Heppenstall, LaRondelle foi um dos principais opositores dos ensinamentos de Brinsmead. A divulgação da tese de LaRondelle serviu para

esclarecer categoricamente o tema que era discutido. Trinta e sete anos depois da primeira exposição de sua tese, seu conteúdo volta a ser relevante para o estudante do tema da perfeição e do perfeccionismo no presente, quando ressurgem focos perfeccionistas aqui e acolá.

Para mim, foi um privilégio ler pela primeira vez a obra de LaRondelle no ano de 2001. Em várias ocasiões fui tocado profundamente pelo conteúdo do seu trabalho. Como tenho o hábito de “dialogar” com os autores que leio, reencontrei, agora, na releitura desta obra, anotações por mim feitas. Tomo a liberdade de compartilhar com o leitor o comentário feito na margem lateral da página 150: “Muito obrigado, Senhor. Quando li essa síntese, fui tocado pelo teu Espírito e me emocionei!”.

Bom mesmo seria que o leitor pudesse conferir pessoalmente a obra original de LaRondelle, mas espera-se que a leitura deste artigo já lhe possa ser útil para obter uma melhor noção sobre o tema da perfeição e do perfeccionismo.

Ao concluir este trabalho, apresentam-se as palavras finais do autor em seu livro: “o fato mais impressionante a respeito da perfeição bíblica é que ela não se concentra na natureza humana, mas no relacionamento perfeito entre Deus e seus filhos aqui, agora, e no tempo por vir. De fato, a Bíblia revela que a perfeição compartilha do mesmo modo de ser do reino de Deus: é presente e futura [já, mas ainda não]. Não pode haver solução definitiva do problema do pecado até que Cristo subjugué todos os seus inimigos sob os seus pés (1Co 15:28)”, (p. 327).

## REFERÊNCIAS

<sup>1</sup> “Perfectionism”, *Nelson’s Dictionary of Christianity (NDC)*, ed. George T. Kurian (Nashville, TN: Thomas Nelson, 2005), 542.

<sup>2</sup> Aecio E. Cairus, “Is the Adventist Faith Legalistic?”, *Journal of the Adventist Theological Society*, 7/2 (Autumn 1996): The Adventist Task, pesquisa feita na internet, no site [http://www.atsjats.org/publication.php?pub\\_id=276&journal=1&cmd=view&hash=](http://www.atsjats.org/publication.php?pub_id=276&journal=1&cmd=view&hash=), acessado em 16 de setembro de 2008.

<sup>3</sup> *Ibidem*.

<sup>4</sup> “Pelagius”, *NDC*, 539.

<sup>5</sup> Philip Schaff, “II. The Fall of Adam and its Consequences”, *History of the Christian Church (HCC)*, vol. 3, pesquisa realizada na internet, no site, <http://www.ccel.org/ccel/schaff/hcc3.txt>, acessado em 23 de setembro de 2008.

<sup>6</sup> *Ibidem*, “S: 151. The Pelagian System Continued”.

<sup>7</sup> *Ibidem*, “IV. The doctrine of the Grace of God”.

<sup>8</sup> *Ibidem*.

<sup>9</sup> *Ibidem*, “S: 159. Semi-Pelagianism”.

<sup>10</sup> Para uma melhor noção sobre a operação da graça divina conforme expressa pelo arminianismo, ver “The Five Articles of Arminianism”, em “Remonstrants”, *New Schaff-Herzog Encyclopedia of Religious Knowledge*, vol. 9, pesquisa feita na internet, no site, <http://www.ccel.org/ccel/schaff/encyc09.html?term=remonstrants>, acessado em 23 de setembro de 2008.

<sup>11</sup> “Arminianism”, *NDC*, 47.

<sup>12</sup> *Ibidem*.

<sup>13</sup> *Catecismo da igreja católica* (São Paulo: Editora Vozes, 1993), parágrafo (§) 1704, 467.

<sup>14</sup> *Ibid.*, § 1770, 479-480.

<sup>15</sup> *Ibid.*, § 2001, 527.

<sup>16</sup> *Ibid.*, § 2008, 530. Grifos originais.

<sup>17</sup> Norman R. Gulley, “Good News About the Time of Trouble”, *Journal of the Adventist Theological Society*, 7/2 (Autumn 1996):

125-141, pesquisa realizada na internet, no site [http://www.atsjats.org/publication.php?pub\\_id=281&journal=1&cmd=view&hash=](http://www.atsjats.org/publication.php?pub_id=281&journal=1&cmd=view&hash=), acessado em 16 de setembro de 2008.

<sup>18</sup> Ibidem.

<sup>19</sup> “Robert Brinsmead”, pesquisa feita na internet, no site <http://www.nationmaster.com/encyclopedia/Robert-Brinsmead>, acessado em 23 de setembro de 2008.

<sup>20</sup> Claude Webster, “Crosscurrents in Adventist Christology”, pesquisa realizada na internet, no site <http://www.sdanet.org/atissue/books/webster/ccac01b.htm#99>, acessado em 23 de setembro de 2008.

<sup>21</sup> Ibidem.

<sup>22</sup> Robert Brinsmead, *God’s Eternal Purpose*, 199, citado em *The History and Teaching of Robert Brinsmead* (Washington D.C.: Review and Herald Publishing Association, 1962), 18.

<sup>23</sup> Idem, *The Third Angel’s Message*, 4, citado em *The History and Teaching of Robert Brinsmead*, 20.

<sup>24</sup> John A. Slade, *Lessons from a Detour – a Survey of My Experience in the Brinsmead Movement* (Engenheiro Coelho, SP: Documento disponível no Centro de Pesquisas Ellen G. White), 4.

<sup>25</sup> J. R. Spangler, *Ministry*, maio, 1969, 34, pesquisa feita na internet, no site, <http://www.adventistarchives.org/docs/MIN/MIN1969-05/index.djvu?djvuopts&page=34>, acessado em 16 de setembro de 2008.

<sup>26</sup> J. L. Shuler, “The Remnant Sinless – When? How? (Part 1)”, *Ministry*, outubro de 1969, 9, pesquisa realizada na internet, no site <http://www.adventistarchives.org/docs/MIN/MIN1969-10.pdf>, acessado em 7 de outubro de 2008.

<sup>27</sup> Para uma melhor noção sobre os artigos publicados em *Ministry* a fim de esclarecer os leitores sobre o tema da perfeição cristã, ver, Wayne Willey, “Be Ye Therefore Perfect”, *Ministry*, março, 1979, 7, 8, pesquisa realizada no site <http://www.adventistarchives.org/docs/MIN/MIN1979-03/index.djvu>; Eric C. Webster, “Contradiction or Divine Paradox?”, *Ministry*, dezembro de 1980, 10-11, pesquisa realizada no site <http://www.adventistarchives.org/docs/MIN/MIN1980-12/index.djvu?djvuopts&page=11>; Morris L. Venden, “What Jesus Said About Perfection”, *Ministry*, julho, 1982, 8-9, pesquisa realizada no site [\[chives.org/docs/MIN/MIN1982-07/index.djvu?djvuopts&page=8\]\(http://www.adventistarchives.org/docs/MIN/MIN1982-07/index.djvu?djvuopts&page=8\); J. Robert Spangler, “Justification, Perfection, and the Real Gospel”, \*Ministry\*, Junho, 1988, 20-22, 27, pesquisa realizada no site <http://www.adventistarchives.org/docs/MIN/MIN1988-06/index.djvu?djvuopts&page=21>.](http://www.adventistar-</a></p>
</div>
<div data-bbox=)

<sup>28</sup> “Robert Brinsmead”, pesquisa feita na internet, no site <http://www.nationmaster.com/encyclopedia/Robert-Brinsmead>, acessado em 23 de setembro de 2008.

<sup>29</sup> “Hans LaRondelle”, pesquisa feita na internet, no site [http://en.wikipedia.org/wiki/Hans\\_LaRondelle](http://en.wikipedia.org/wiki/Hans_LaRondelle), acessado em 23 de setembro de 2008.

<sup>30</sup> Para uma melhor noção sobre a condição dos salvos no tempo do fim, após o fechamento da porta da graça, ver Edward Heppenstall, “Some Theological Considerations of Perfection”, *Biblical Research Institute*, pesquisa feita na internet, no site <http://www.adventistbiblicalresearch.org/documents/perfection%20Heppenstall.htm>; idem, “How Perfect Is “Perfect” Or Is Christian Perfection Possible?”, *Biblical Research Institute*, pesquisa feita na internet, no site <http://www.adventistbiblicalresearch.org/documents/How%20Perfect%20Is%20Perfect.htm>, acessado em 16 de setembro de 2008.

<sup>31</sup> A presente resenha baseia-se na quarta impressão da tese, editada no ano de 1984.

<sup>32</sup> Hans K. LaRondelle, *Perfection & Perfectionism* (Berrien Springs, MI: Andrews University Press, 1984), 35, 36.

<sup>33</sup> Protologia é a ciência dos princípios do conhecimento e da realidade. “Protologia”, José Ferrater Mora, *Dicionário de filosofia* (São Paulo: Edições Loyola, 2001), 3:2.398, pesquisa realizada na internet, no site [http://books.google.com.br/books?id=aOsOq8UfSwIC&pg=PA2398&lpg=PA2398&dq=protologia&source=web&ots=Xrt1swz5p9&sig=sWxVIUxuGStpdsRnillxpVQwoW8&hl=pt-BR&sa=X&oi=book\\_result&resnum=9&ct=result](http://books.google.com.br/books?id=aOsOq8UfSwIC&pg=PA2398&lpg=PA2398&dq=protologia&source=web&ots=Xrt1swz5p9&sig=sWxVIUxuGStpdsRnillxpVQwoW8&hl=pt-BR&sa=X&oi=book_result&resnum=9&ct=result), acessado em 14 de outubro de 2008.

<sup>34</sup> Preveniente é o “que nos induz à prática do bem (falando-se da graça divina)”. “Preveniente”, Aurélio B. de H. Ferreira, *Novo dicionário da língua portuguesa* (Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1986).

<sup>35</sup> Martinho Lutero, *Commentary on Romans* (Grand Rapids, MI: Kregel Publications, 1995), 114-115.